

## Da dimensão positiva do conflito em entrevistas jornalísticas

The positive dimension of the conflict in news interviews

**Marta Regina Maia, Thales Vilela Lelo**

Universidade Federal de Ouro Preto.  
Rua do Catete, 166, 35420-000, Mariana, MG, Brasil.  
marta@martamaia.pro.br, thales.lelo@gmail.com

---

**Resumo.** Este artigo pretende refletir acerca de uma possível dimensão positiva do conflito, partindo de uma exposição que se dirige ao universo das entrevistas no jornalismo. Utilizando a positividade atribuída ao conflito presente no pensamento de Georg Simmel como complementação ao movimento dialógico desenvolvido nas teorizações de Martin Buber, será efetivada a análise de uma entrevista na Globo News pautada pela discordância entre o entrevistador/entrevistado. A partir deste ponto, as conceituações serão articuladas com ênfase em um arcabouço pragmatista, de modo que se discorra o conflito como um elemento com potencialidade de promover desestabilizações aos quadros convencionados do jornalismo, agenciando o público e convidando-o ao debate acerca de determinado campo problemático.

**Palavras-chave:** conflito, dialogia, entrevista, experiência, mediação.

**Abstract.** This paper reflects about a possible positive dimension of the conflict, starting with an exhibition that addresses the world of journalism interviews. Using the positivity attributed to the conflict in the theorizing of Georg Simmel as a complement to the dialogical movement developed in Martin Buber theorizations, will perform the analysis of an interview conducted in the Globo News guided by the discrepancy between the interviewer/interviewee. From this point, the concepts are articulated with an emphasis on a pragmatic framework, so that it discusses the conflict as an element with potential to promote destabilization on conventional frames of journalism, managing the public and inviting him to debate about a specific problematic field.

**Key words:** conflict, dialogue, interview, experience, mediation.

---

### Introdução

O propósito deste estudo é refletir sobre a positividade de uma forma de conflito peculiar em determinadas entrevistas jornalísticas que dá vazão a reverberação de temas polêmicos, ligados a um campo problemático no espaço público. O evento que será analisado concomitantemente as conjecturas sobre este tipo de entrevista foi recortado do programa "Edição das seis" da emissora Globo News, pertencente à Rede Globo de Televisão, do dia 28 de dezembro de 2010. Sua notoriedade enquanto objeto que contribui para a reflexão sobre o campo do Jornalismo será apresentada

no decorrer deste primeiro tópico para depois ser mais detalhada na discussão conceitual.

No programa mencionado, a jornalista Lailane Neubarth noticia uma estatística sobre o uso de drogas por universitários. Os dados obtidos por meio de uma pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Política sobre Drogas revelaram que 49% dos 18 mil jovens entrevistados em mais de 100 universidades brasileiras já haviam experimentado substâncias ilícitas em sua passagem pelo Ensino Superior. A interpretação dada a este dado por parte da jornalista fica clara logo em seus primeiros comentários sobre o tema, salientando de forma alarmada os números do governo e a conse-

quente proliferação do consumo de drogas por estudantes universitários.

Leilane então inicia o segundo momento de sua exposição, convidando uma especialista no tema para a entrevista. A figura do perito emerge então como aquela que poderia decidir as estatísticas com a competência técnica adequada. A entrevistada, Gilberta Acselrad, é apresentada como coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Drogas, Aids e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). As respostas da educadora às inquietações da jornalista representam um estopim para um embate discursivo de posicionamentos que será demarcado e intensificado em cada passo dado pelas combatentes. E, em meio a tantos acontecimentos de curto alcance que se destravam diariamente, este adquire especialmente a forma de um conflito. Nesta manobra, todo um campo problemático sobre a política anti-drogas é iluminado das sombras do aparentemente convencional – tido tacitamente como em acordo pelos agentes. Se a preocupação de Leilane Neubarth será a de assinalar o perigo que as drogas trazem para a tessitura social, a de Gilberta será mostrar – de maneira crítica – a ausência do Estado nesta questão, além da cultura do “proibicionismo” e da exotização do usuário destas substâncias psicoativas – usuário este julgado como desviante ou inconsequente no senso comum.

A matéria reverberou nas discussões públicas principalmente por meio de redes sociais e em comentários de sites de compartilhamento de vídeos. No seio de qual cultura o Brasil se instala? As drogas são realmente um perigo? E como fica a questão da legalização? Como o jornalismo se posiciona nestas ocasiões? Estas e outras interrogações são elaboradas ao longo da entrevista jornalística, e não haverá um consenso atingido no final do confronto entre a educadora e a jornalista, – e menos ainda na pauta social (o que será motivo de análise no último item deste trabalho).

É mister recortar, neste momento, um elemento que é tido como primordial para que este caso tenha se tornado um agente promotor de discussão<sup>1</sup>: o conflito. O conceito de conflito, neste trabalho, está atrelado ao pensamento formalista de Simmel (1983b), como será frisado no tópico seguinte. Todavia, cabe uma

ponderação quanto ao emprego deste termo, problematizado por Alcântara Júnior (2005). De acordo com o pesquisador, o conceito *der Streit*, em alemão, foi traduzido em português para conflito, e em espanhol para *lucha*. A noção de luta possui então um peso não reducionista se comparado ao de conflito, associado habitualmente a um acontecimento empapado por sentidos negativos. Neste estudo em particular será empregado o termo conflito pelo fato de já ter se consolidado na terminologia técnica das pesquisas em Ciências Sociais, sem, todavia, deixar de tomar nota da importância desta ressalva na escolha do mesmo.

Ainda é preciso registrar que, segundo a visão de Dewey (1980), o conhecimento propiciado pelos meios de comunicação não é aquele que se limita a “transmitir” informações, mas sim trazer à tona o rico diálogo que jaz nas trocas cotidianas e que se alça ao espaço público. Nesta órbita de raciocínio, Medina (2006) irá cunhar a expressão “o signo da relação”, empregado como máxima para uma contemporaneidade democrática que reclama pela dialogia interativa. Nas palavras da autora, a aceitação do diálogo como chave-mestra ocorre em razão de que, “no domínio dos valores, das decisões vitais, do sonho de felicidade coletivo, a sintonia se dá pela ação interativa dos desejos, e não por meio da simples transferência ou transmissão do saber especializado ao saber comum” (Medina, 2006, p. 13).

A alteração do paradigma “signo da divulgação” pelo “signo da relação”, preconizada pela pesquisadora, implica em mudança de concepções já bastante arraigadas na cultura jornalística permeada por padrões de procedimentos tecnicistas, especialmente quando assuntos ditos “científicos”, ainda de pouco domínio da população, são colocados em pauta. O domínio de determinado tema pelo profissional da área é colocado em primeiro plano, muitas vezes como forma de se antever ao saber científico, ocultando assim o inesperado que pode surgir quando uma relação social é estabelecida:

*Repórteres costumam se armar até os dentes. Armados com pautas, com pesquisas, com hipóteses, com perguntas duras e implacáveis, com esquemas de sedução, com pequenas (e obscenas) armadilhas. Ou com a arrogância dos grandes interrogadores, dos policiais bem treinados, dos*

<sup>1</sup> A postura teórico-metodológica fundamental adotada ao longo deste trabalho é de cunho pragmatista, como será baliado no tópico seguinte. Neste sentido, a conceituação sobre o papel da imprensa está alinhada majoritariamente com a de Dewey (1980), que a observa enquanto veículo imprescindível para refletir sobre a cultura.

*carrascos. É o que se ensina: um repórter deve saber o que quer e deve saber também o que deseja ouvir. Deve, sobretudo, saber aonde quer chegar e nunca se desviar, mesmo à custa da verdade, de seu caminho. O entrevistado é sua 'matéria' – substância a ser moldada e trabalhada segundo seu desejo, ou o da publicação para que serve. (Castello, 2007, p. 18)*

A potência do inesperado que arromba a realidade, embora seja motivo de grande temor e anseio por parte do jornalista, é por vezes aquilo que possibilita uma reconstrução de suas diretrizes em uma entrevista – que em muitos casos podem estar contaminadas por expectativas prévias que impossibilitariam um legítimo envolvimento com o outro no momento mesmo do encontro. Contudo, como será abordado mais adiante, o inesperado que toma corpo em uma entrevista não é por si só responsável por uma remodelação das diretrizes da ocasião. Sendo o convite para uma experiência, ele só é aproveitado em suas potencialidades se efetivamente agenciar seus envolvidos para outra linha de engajamento. Arfush (1995), ao falar sobre entrevistas tomadas por armações enrijecidas, chega mesmo a alegar que para avançar no diálogo e anular o silêncio é necessário aproveitar a relevância que pode estar inerente ao inesperado.

Em consequência destas observações, já é necessário ressaltar que o conflito que toma corpo e solicita a intervenção dos seus agentes em uma entrevista só emerge com sua coloração nitidamente positiva se: (i) for abraçado por sujeitos dispostos a assumi-lo (ainda que correndo o risco de expor declaradamente suas opiniões); (ii) possibilitar uma reverberação na agenda pública.

### **Caracterização teórica e metodologia de pesquisa**

O objetivo deste trabalho é conjeturar uma possível positividade atribuída ao conflito no escopo de entrevistas no jornalismo. O conflito aqui não é relegado ao mero contraponto de opiniões entre fontes, ato que comumente se configura como “missão do jornalista”. As críticas feitas à encenação daquilo que verdadeiramente seria um conflito já foram apontadas por autores como Bourdieu (1997). Já a concepção valorizada nas rotinas de produção jornalísticas de que diferentes vozes oferecem um discurso polifônico, é passível de questionamento por desconsiderar que em qualquer interação

há uma esfera intrínseca de hierarquia e credibilidade. O conflito no qual o jornalista não participa também é questionável, já que pragmaticamente não há como não declarar uma posição, como argumenta Genro Filho (1987). Por outro lado, o consenso recorrente entre jornalista e fonte é examinado por Tuchman (1993) como estratégia protetora para que os repórteres escapem das críticas, ancorados em fontes que dizem aquilo que eles pensam sobre determinado assunto – mas não assumem.

Estas cautelas na focalização deste trabalho são úteis para filtrar a noção de conflito que será aqui tensionada em sua configuração positiva. A proposta de trabalho não é trazer à luz um tipo de entrevista recorrente em programas jornalísticos, e muito menos desenhar um padrão ideal para entrevistas. Cabe salientar também que a presença e a relevância do conflito em entrevistas não recebem seu primeiro olhar atento especialmente neste texto. Referências como Medina (1995) e Lage (2004), em suas tipologias de entrevista, já se detiveram particularmente na caracterização do conflito em entrevistas jornalísticas. Na definição de Lage para a “entrevista confronto”, o componente que se sobressai é claramente o acusatório. A fragilidade destes modos de agir com o outro é ratificada pelo alvo a ser atingido. Como uma disputa na qual somente um dos pares pode sair vitorioso, o autor alerta que o resultado desta batalha pode ser um “espetáculo de constrangimento” ou “uma peça de redenção” (Lage, 2004, p. 76). Sua classificação deixa nítida a diferença deste modelo de entrevista problemático para com o dialogal, no qual a relação seria a tônica, dilatada em sua excelência máxima (Lage, 2004, p. 76).

A categorização de Medina propõe uma relação entre os termos que para Nilson Lage são dissociáveis. A autora parte de uma classificação geral de entrevistas efetivada por Morin (1973), subdivida em dois núcleos: entrevistas ritualísticas ou de cunho anedótico e dialogais ou neoconfessionais. Deste arranjo mais geral, ela adensa ramificações. Assim, o subgênero de confrontação aparece ligado a segunda corrente proposta por Morin. Delineado com um calibre que resguarda uma positividade acentuada, a autora sugere que, “em temas polêmicos [...], em que se visualizem as ambiguidades e contradições que se estabelecem sobre o fato, os veículos de comunicação coletiva apelam para o debate, a mesa-redonda, o painel, o simpósio ou seminário” (Medina, 1995, p. 17).

Para os propósitos deste trabalho, a perspectiva de Medina soa como mais propícia para a formulação de um quadro analítico. Partindo do evento tomado como objeto para este estudo, será esboçada uma positividade encontrada no conflito, responsável por manter a união entre agentes que se colocam em posições aparentemente antagônicas, mas que mantêm, para que exista um conflito, uma carga de respeito mútuo e preocupação para com o próximo. A unidade encontrada neste tipo particular de conflito que pode ser diagnosticada em entrevistas jornalísticas (mas não somente nelas) é a mola propulsora de uma tensão particular que arrazoa acerca de um campo de discussão desvendado como problemático – uma enquete que agenciará os sujeitos para o debate no seio público. No choque dos contrários, a relação ganha corpo como o resultado do encontro e da jornada para superar ou deixar em aberto uma gama de tensões explícitas e flexibilizáveis.

Para atingir este ponto, o objeto de estudo será construído teoricamente, como sugere França (2001), e retomado posteriormente no texto com um olhar afinado ao desdobramento das proposições teóricas empreendidas. Este trajeto objetiva ampliar e modelar as conjecturas até então edificadas com um identificador empírico, e não somente exemplificar um núcleo enrijecido com um caso selecionado para se adequar forçosamente a suas suposições induzidas.

O percurso aqui efetivado se dará em duas fases. Na primeira, seguir-se-á uma reflexão acerca do diálogo e do conflito, tomando por base a filosofia da relação de Martin Buber em articulação à sociologia formal de Georg Simmel. Para atingir esta meta de estudo será necessário efetivar uma crítica interna das matrizes teóricas utilizadas para a reflexão, como sugere Demo (1995). A noção de movimento dialógico, desenhada em interações nas quais a alteridade é percebida, será defendida em encontros que aparentemente só tem o choque como traço de contato. Destarte, na unidade dos contrários, a relação se estabelece e se consolida positivamente.

Em um segundo momento, o objeto de estudo será examinado a luz das considerações acerca do conflito e do diálogo e de um aparato conceitual proveniente do pragmatismo. O escopo será apreender as nuances da experiência que envolve e agencia os atores em uma entrevista que ostenta o embate como tônica. Neste sentido, é importante realçar que, embora o estudo tenha como referência principal um conceito da sociologia de Simmel, distancia-se de sua ampla proposta metodológica por apreciar formas e conteúdos com um mesmo grau de relevância para a pesquisa. O pragmatismo então é uma vertente mais adequada para a tarefa, por ancorar em seu método a conjuntura concreta na qual se consolidam as mudanças percebidas em nível argumentativo<sup>2</sup>. Esta preocupação com as consequências práticas das ações sociais atende as demandas características dos sujeitos da comunicação definidos por Vera França (2006); sujeitos estes que se estabelecem em relações sociais que o constituem e dão forma ao seu ser. Como a autora afirma: “Não falamos em sujeito no singular, mas no plural; e não apenas sujeitos em relações, mas em relações mediadas discursivamente” (França, 2006, p. 77). Em última instância, as deduções até então efetivadas serão redimensionadas no acesso ao *corpus*<sup>3</sup>.

### **Do encontro pela comunhão, à comunhão pelo conflito**

A filosofia do diálogo é uma das bases do pensamento de Buber (1982, 2003). O espaço primordial que as reflexões sobre a essência dos encontros humanos tomam no corpo de sua obra é notável para o arcabouço de Medina (1995, 2006) e Morin (1973). No núcleo argumentativo do autor, aparece a asserção máxima de que não há sujeito que não aquele vinculado em uma relação. Como o próprio Buber afirma em diversas passagens, “no começo é a relação” (2003, p. 20) e “toda vida atual é encontro” (2003, p. 13).

Nesta órbita, a ação dialógica é a produção de uma sensibilização para com o outro,

<sup>2</sup> Para definir o método pragmático, recorre-se a conceituação de um de seus pais fundadores, William James. De acordo com o autor, o pragmatismo é um método que busca “interpretar cada noção traçando as suas consequências práticas respectivas [...] Se não pode ser traçada nenhuma diferença prática qualquer, então as alternativas significam praticamente a mesma coisa, e toda disputa é vã” (James, 2006, p. 44).

<sup>3</sup> Poderia ser desdobrada uma série de outras possibilidades de interpretação deste *corpus*, que vão desde uma análise contextual, dos discursos, das posturas, das dimensões exclusivamente políticas que debatem a inserção das drogas na sociedade, entre outros. Porém, a relevância desta proposta é enfatizar especialmente a questão da emergência do conflito em interações enquanto fator que pode ser interpretado com uma conotação positiva do ponto de vista de sua projeção para o debate público.

não-demonstrável, um simples dizer que penetra na vida espontaneamente no presente, tal qual assegura o filósofo (Buber, 2003, p. 45). Todavia, Buber adverte que a vivacidade desta relação não é apreensível por um sujeito que meramente se coloque em presença de outro, mas sim daquele que age em função deste outro, procedendo assim continuamente sem desfazê-lo em objeto manuseável (Buber, 2003, p. 37). Cada encontro é dotado de singularidade ímpar, e seu despontar simboliza um vínculo permanente com o mundo.

Uma ressalva importante ao pensamento do filósofo é no tocante aos contrastes entre os contatos dialógicos e monológicos. Para Buber, nem todo encontro com o outro é diálogo. Por esta razão, distingue tons de relacionamento nos quais a retração é a tônica. Do “voltar-se-para-o-outro” do diálogo, desponta o matiz do “dobrar-se-em-si-mesmo” do monólogo. Esta esfera de relação não pode ser simplesmente sinalizada pela indiferença ou egoísmo, mas por uma incompreensão da alteridade como um tipo de vivência para além do EU. Na ilusão do diálogo, o autor afirma que este ser outro toca a alma do EU, mas “que de forma alguma se lhe torna imanente” (Buber, 1982, p. 58).

Uma generosa abertura que Buber desbrava como potencialidade para quaisquer domínios de relação é o fato de resguardarem em seu cerne a chama de uma conversação genuína. Semente que permanece ainda nos encontros mais vazios (Buber, 2003), brota até mesmo no silêncio - contanto que a ausência de reserva reine entre os homens, que, mergulhados um no outro, deixam acontecer a palavra dialógica (Buber, 1982, p. 36). Tomando nota desta importante conjectura, destacam-se fragmentos de uma passagem que evidencia até no conflito o germe da partilha

*Minha amizade com um homem já falecido originou-se num acontecimento que, se quisermos, poderíamos definir como uma conversação interrompida. A data é a Páscoa de 1914. Alguns homens pertencentes a diferentes povos europeus tinham-se reunido para preparar, com um indecifrável pressentimento de catástrofe, uma tentativa de constituir uma autoridade supranacional [...] Quando então discutíamos a composição de um círculo mais amplo [...] um de nós [...] levantou a dúvida [...] Judeu obstinado que sou, protestei contra o protesto [...] Falei diretamente ao antigo padre. Ele levantou-se, também eu estava de pé, olhamo-nos, um no fundo dos olhos do outro. “Desapareceu”, disse ele, e de-*

*mo-nos, diante de todos, o beijo fraternal (Buber, 1982, p. 37-38).*

Ainda que o desfecho deste embate tenha sido uma comunhão que transcendeu a própria esfera discursiva – descoberta propriamente na afetação mútua – o elemento que deve ser frisado nessa experiência pessoal é o conflito como campo de união, que mantém contrários em uma reciprocidade distinta da indiferença, e que dá mote para trocas sensíveis ou mesmo para uma reconstrução de ideias naturalizadas no EU monológico que se vê forçado a esgarçar as trincheiras para o outro. Para avançar nestas hipóteses, uma articulação que aparenta ser propícia com o pensamento de Buber é a elaborada nas construções sociológicas de Simmel, tangenciando especialmente sua caracterização do conflito social.

Simmel marcou seu trabalho por meio de um método notadamente formalista. O apriorismo das formas sociais que realizam conteúdos específicos e parcialmente imutáveis por períodos longos na história, foi uma pauta básica de sua sociologia. Em seu entendimento, seria possível comparar o trabalho da Sociologia com o de um quadro-negro no qual há figuras desenhadas. Segundo o autor, “quando estamos interessados em sua significação geométrica não nos referimos a esses traços, e sim à sua significação que lhes dá o conceito geométrico” (Simmel, 1983a, p. 76).

Inicialmente, cabe salientar que se a interação entre dois seres é a prerrogativa inicial para um diálogo autêntico – como propõe a filosofia da relação de Buber – é preciso delinear a ponte entre esta proposta conceitual e a sociologia das formas sociais, já que, em sua obra, Simmel trabalhou com diversos contextos de envolvimento que variam no tocante ao número de atores. Todavia, em sua caracterização mais específica dos tipos de contato, pode-se presumir que suas investigações não ficam restritas somente a interações multifocadas, mas também naquilo que ele chama de diáde. Limite de uma relação entre dois (sejam eles indivíduos ou instâncias) e modelada em função da dependência dos agentes para a realização do encontro, extingue-se no afastamento destes. Nessa propriedade, jaz sua peculiaridade. Na diáde, o sentimento supraindividual se esvai, e, segundo Simmel, “cada qual se sente apenas confrontado com o parceiro, e não com a sociedade que lhe fica sobreposta” (1972, p. 133). Nessa última passagem, fica então possível presumir

que a ideia do conflito estruturada pelo autor pode ser empregada em distintas cadeias de relacionamento, convergindo com a estrutura capital do pensamento de Buber acerca do diálogo – diálogo este que está baseado em uma díade.

No que diz respeito às interações mundanas, outra articulação pode ser estabelecida, desta vez entre o movimento monológico de Buber e a atitude *blasé* que Simmel (1967) cristaliza no comportamento cotidiano em grandes metrópoles. Dobrando-se-em-si, os indivíduos escapam dos estímulos que tendem a irritabilidade para com os outros que, cada qual, estão repletos de singularidades. Se Buber aponta esta manobra como uma marca de uma série de ocasiões sociais, Simmel alarga este diagnóstico, e situa a apatia como uma marca do mundo moderno. Segundo o autor, a racionalidade excessiva da vida nos centros urbanos escancara, ao mesmo tempo, um ódio e medo exacerbado para com a alteridade – além de uma incompreensão da mesma.

Se a indiferença é uma forma de incompreensão das inúmeras distinções imersas na vida moderna, é no conflito direto que o antagonismo salpica como um elemento de socialização e unificação de contrários. Parte de uma teia complexa de estruturação social, resguarda em sua natureza uma tensão entre contrastes. Distintos da mera apatia (Simmel, 1983b), relacionam os membros com um mínimo de acordo: reciprocidade. Na sociologia do conflito, sua positividade é acentuada como uma ação que desencadeia uma mudança; etapa a superar em conjuminância a uma hostilidade que demarca fronteiras de grupo e o afasta do desaparecimento gradual.

Visto sob este prisma da superação, o conflito alimenta uma abordagem positiva que valoriza seu caráter intrínseco, elaborador de uma variabilidade dos encontros sociais. A oposição e as energias de repulsa tornam também o mundo mais tolerável, “nos faz sentir que não somos completamente vítimas das circunstâncias” (Simmel, 1983b, p. 127). O que num olhar desatento soaria como dissociação é um verdadeiro modelo da vida, “no sentido absoluto que abarca a relativa oposição de luta e paz” (Simmel, 2002, p. 460,

tradução dos autores). No choque e no embate podem ser encontradas as sementes do diálogo.

### O embate como tônica: entrevista de impacto

Como já situado na Introdução, a entrevista em questão serve como exemplo das relações que podem/devem ser refletidas no interior da seara jornalística. Se o jornalismo trabalha com seres humanos é preciso considerar que ideias previamente definidas poderão passar por alterações a partir da dinâmica social estabelecida neste processo. A tensão, que permeia as relações sociais, deixa suas marcas neste espaço, mesmo que boa parte da literatura do campo ainda esteja permeada pela ideologia da objetividade (Pereira Junior, 2006).

Ao compreender o real como um campo de possibilidades, busca-se trabalhar com a noção de que o choque e a diferença podem levar a uma riqueza de compreensão das situações e ideias expostas nos discursos presentes. Como diz Dewey em sua atitude pragmática: “O equilíbrio não se adquire mecanicamente ou de um modo inerte, mas a partir e por causa da tensão” (2010, p. 76). Entretanto para que isso ocorra é preciso desnudar-se dos preconceitos e noções cristalizadas no seio da sociedade, o que não se observa no diagnóstico do campo atualmente, em especial no suporte televisivo, espaço midiático<sup>4</sup> central na constituição da experiência mediada.

O caso em questão elucida de maneira clara este problema. Já na primeira pergunta da jornalista a demonstração de qual a postura projetada para a educadora:

*Bom, a gente já sabe que é um assunto devastador, e, pelo que a gente já estava conversando um pouquinho antes da gente entrar no ar aqui, não é um problema exclusivo dos universitários. Mas como é que a senhora definiria esse uso tão intenso? Bom, primeiro deixe-me perguntar uma coisa: lhe surpreendeu? Esse número de quase 50% de universitários usando drogas (Edição das Seis, Globo News, 28/12/2010).*

A resposta de Gilberta Acselrad já demarca então sua posição dissonante ao esperado

<sup>4</sup> Segundo Sodré (2006), Georg Simmel foi o primeiro a identificar esta espécie de nova vida constituída pelo espaço televisivo: “A televisão cria, assim um espaço social – que é, entretanto, de uma outra ordem que a simples melhoria da vida familiar ou da comunidade. Não há aí, antes de qualquer coisa, uma *influência* sobre a realidade, mas ao contrário a *constituição* de uma realidade” (Simmel in Sodré, 2006, p. 99).

pela entrevistadora. Após um enfático “não”, a educadora discorre sobre outra questão: a constante sub-notificação de dados por parte dos sujeitos que respondem aos questionários em diagnósticos como o oferecido pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, em que muitos entrevistados respondem negativamente, quando de fato já experimentaram determinada substância. Leilane então interrompe a fala da professora e, em tom alarmado, retoma a sua interrogação inicial com o comentário: “Então este índice é mais alto do que está na pesquisa?”. Novamente a resposta, neste caso positiva, “assusta” ainda mais a entrevistadora, em especial, ao ouvir a argumentação da pesquisadora de que a cultura brasileira – como as demais – conhece, usa e procura as drogas e que o problema não é o uso da droga; “Qual seria o problema então?”, interrompe novamente a jornalista. Gilberta responde que o problema é a perseguição às drogas, dado que a política anti-drogas no mundo todo tem como modelo ideal um mundo livre das drogas, um mundo, segundo a pesquisadora, “que nunca existiu e que nunca existirá”. O papel do Estado então seria o de controlar a elaboração e a qualidade de todas as drogas e ajudar as pessoas que sofrem por esta liberdade, que é uma liberdade social; novamente a jornalista corta a fala da entrevistada, dizendo que esta é uma questão polêmica e que poderia ser agendada uma “outra” entrevista somente sobre este assunto.

Na sequência, a pergunta sobre como “proceder para prevenir que esse jovem se torne um viciado?” tem como resposta outra quebra de paradigma: “Prevenção não significa evitar que alguma coisa aconteça”. A pesquisadora argumenta que, como a droga não é uma doença infecciosa, o caminho seria a “educação para a autonomia”. Após um silêncio pouco usual em entrevistas, a repórter comenta: “Parece um pouco assustador, parece quase que uma atitude normal deixar que eles experimentem e que cada um tenha a responsabilidade de usar da melhor maneira possível...”. A jornalista, rebatendo as idéias da pesquisadora, insiste sobre o risco de se usar drogas ao afirmar: “Mas maconha por si só, é perigosa”. A resposta negativa da pesquisadora, complementada por “nenhuma droga, por si só é perigosa. O que é perigosa, por exemplo, é a cocaína no mercado ilegal, misturada com pó de mármore...”, conduz ao que poderia ser chamado de clímax da entrevista, quando a jornalista, de maneira peremptória afirma:

*Bom, eu discordo um pouco da senhora, eu acho que a droga, pela própria definição, é um alucinógeno, é uma coisa que pode levar um adolescente... pode criar dependência química, pode criar dependência emocional, então a senhora me desculpe... eu realmente tenho a tendência, eu tenho dois filhos jovens, a minha tendência é tentar ver se estas pessoas, os jovens de uma maneira geral, podem ficar mais distantes da droga que estão hoje... mas eu entendo a sua posição (Edição das Seis, Globo News, 28/12/2010).*

A pesquisadora ainda levanta algumas questões e a entrevista é encerrada.

Como já discutido no tópico anterior, o conflito pode gerar alterações nas relações estabelecidas socialmente. O que se vê, neste caso, é a jornalista saindo de uma pretensa casca objetivante, marca representacional da emissora em foco, para assumir um lugar de confronto nesta relação. No acontecer da entrevista, a jornalista, ao ser compelida a assumir uma postura que a retirava de seu papel profissional em defesa da periculosidade associada às drogas, se viu obrigada a correr o risco de se envolver em uma entrevista que, do ponto de vista da gramática jornalística, poderia ser considerada como uma falha pelas dissonâncias explícitas entre repórter e especialista. Partindo do pressuposto de que o jornalismo oculta seu lugar de fala discursivo empregando fontes que são “ecos” de sua postura em relação a uma comunidade, tal qual propõe Mouillaud (2002), o que é possível observar no caso da interação entre Leilane Neubarth e Gilberta Acselrad é uma experiência de falta de consenso que agencia ambas para o desbravamento de um conflito.

Nesta experiência localizada, o conflito delineia-se a partir da forma como a relação vai se estabelecendo na medida em que a entrevistada não se deixa sujeitar de maneira mecânica a visão hegemônica sobre as drogas. A experiência, de acordo com Dewey (2010), no momento mesmo de sua ocorrência mantém uma unidade, que pode ser reelaborada *a posteriori* ao se acionar distinções intelectuais, emocionais e práticas, configurando uma reelaboração espiritual que, necessariamente, irá atribuir um conjunto de interpretações a experiência específica, o que não garante a sua reconstituição integral. Isto posto, o que se avalia é menos o roteiro que a jornalista de uma emissora convencional deveria seguir como facilitadora da transmissão de um saber técnico, especializado, mas a dificuldade de compreensão do outro em sua diferença – e a declaração desta

ausência de concordância como uma fenda para a expressão de visões de mundo conflitantes. Como pontua Silverstone (2005, p. 249),

*Tudo o que fazemos, tudo o que somos, como sujeitos e atores no mundo social, depende de nossa relação com os outros: de como os vemos, os conhecemos, nos relacionamos com eles, nos importamos com eles ou os ignoramos. Vê-los é crucial [...] O Outro, no entanto, pode agir como um espelho; e, no reconhecimento da diferença, construímos nossa própria identidade, nosso próprio senso de nós mesmos, no mundo. Se compreendemos essas diferenças, ou mesmo se meramente as vemos, então temos de levar o Outro em conta.*

Na singularidade deste encontro, como já discutido no item 3, nota-se que o conflito abre as portas para que a jornalista apareça em outros papéis sociais, em especial como mãe, acentuando ainda mais a tensão subjacente à tessitura social. No momento mesmo da entrevista percebe-se que a jornalista é chamada a posicionar-se perante ideias que lhe são pouco afeitas, o que se apresenta como elemento conflitivo ao paradigma das gramáticas racionalizantes preconizadas pela própria indústria cultural e aplicadas pela prática profissional convencional (Medina, 2003). Leilane Neubarth, ainda que não estivesse com este intuito, acabou por romper com o “signo da divulgação”, contribuindo para que o receptor tomasse ciência de pelo menos duas posturas sobre o assunto.

Porém, o que nos permite assegurar que este choque de opiniões entre entrevistador/entrevistado não resulta tão somente em uma falha na dinâmica da empresa e sim em algo positivo para o debate público é o fato de que sua presença neste espaço também é permeada por dissonâncias. Assim sendo, o acontecimento desta entrevista, assistido por interlocutores e num segundo momento exposto em redes sociais como o *Youtube*, capacitou a retomada de uma linha de debate sobre as drogas e até mesmo sobre o próprio campo jornalístico<sup>5</sup>. Neste sentido, o inesperado daquela cena inusitada alarga-se de mera raridade para desvelar campos problemáticos já arraigados ao espaço público. Como argumenta Quéré, o acontecimento é o “pivot de um inquérito sobre uma dada situação, porque representa o que é crítico [...] permite fazer diferenciações e

distinções, estabelecer oposições e contrastes, gerar alternativas e escolher respostas apropriadas” (2005, p. 19).

Quem é agenciado, em última instância, é o público, que se torna o palco de uma ação sobre uma lâmina de intrigas. Afetados pelas imagens e pelas reverberações da polêmica que extravasam a tela, instituem espaços de debate (é a *compreensão em comum* que gera o público, como assegura Quéré (2003)), tais quais as já referidas respostas ao vídeo nos canais do *Youtube*. Mas esta é somente a materialização textual de uma intriga que provavelmente deambulou pelas conversações cotidianas e retomou com outras feições, ainda que por um breve momento, controvérsias que atravessam a contemporaneidade.

## Considerações finais

No jornalismo, ouvir o outro e contrastar suas opiniões pode ser, em alguns casos, o único meio para se estabelecer uma unidade. O anseio por atingir uma concordância ou uma situação compreensiva com este outro muitas vezes mascara uma indiferença latente. No conflito, no choque de opiniões, as limitações dos sujeitos podem apontar os limites dos pontos de vista.

O jornalista, por seguir parâmetros institucionalizados pela indústria cultural, muitas vezes desconsidera aquilo que é pouco usual, que antagoniza com o modelo hegemônico. Essa dificuldade para a compreensão do diferente ancora-se no dogma da verdade absoluta, incontestável. Como argumenta Medina “a pauta da produção simbólica desenvolvida e distribuída pelos meios de comunicação reforça diariamente os significados conservadores, pouco renova, pouco transforma” (2003, p. 78).

Ao colocar o conflito no âmbito da discussão do campo, pretende-se mostrar que este evento midiático, a entrevista, também pode aparecer como um acontecimento em que a intriga movimenta a dinâmica social, oferecendo uma possibilidade hermenêutica a esta experiência, cuja vitalidade simbólica pôde ser percebida em sua reverberação no ambiente midiático, em especial nas redes sociais. Esta reverberação, mesmo não sendo objeto de discussão neste artigo, aparece como desdobramento da presença do receptor neste processo.

A “arte de tecer o presente” (Medina, 2003)

<sup>5</sup> Publicada em diversos canais do *Youtube*, e assistida por milhares de pessoas, gerou mais de 200 comentários, oscilando em torno destes dois campos problemáticos (drogas e a postura do jornalismo em relação aos temas de interesse público).

pressupõe, além da atividade profissional do jornalista, a presença do sujeito nas diversas dimensões da produção de sentidos que este estabelece ao se apropriar das informações no processo de mediação social. Este aspecto merece destaque já que é notória a centralidade da mídia na constituição do *self*, antes marcada pela interação face a face (Thompson, 2009). O aparecimento do conflito no interior das instâncias midiáticas pode contribuir assim para que o telespectador tenha acesso a ideias diferentes das correntemente divulgadas pela própria mídia. O choque presenciado pelos telespectadores pode gerar desdobramentos capazes de reconstruir socialmente outras versões sobre o assunto tratado.

Este caso serve ainda para refletir sobre as possibilidades que surgem para o jornalista que, em meio às brechas existentes no interior da indústria cultural, ainda consegue “ser capaz de ouvir, e de suportar a presença imprevista do outro, as surpresas que nos oferece, a desarmonia de suas idéias” (Castello, 2007, p. 17). Se nesta entrevista o que se verifica é o choque de ideias, vale ressaltar que nas intrincadas tramas que envolvem os encontros sociais, a aparente antítese entre colisão e harmonia pode fomentar nada menos que o “ir de encontro” como meio de “ir ao encontro de” – potencialidade esta que expande os focos de emergência de um diálogo não teorizado somente em função do consenso e da conformidade de pensamentos.

## Referências

- ALCÂNTARA JÚNIOR, J. 2005. Georg Simmel e o conflito social. *Caderno Pós Ciências Sociais*, 2(3):1.
- ARFUSH, L. 1995. *La entrevista, una invención dialógica*. Barcelona, Paidós, 160 p.
- BOURDIEU, P. 1997. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 143 p.
- BUBER, M. 1982. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, Perspectiva, 174 p.
- BUBER, M. 2003. *EU e TU*. São Paulo, Centauro, 154 p.
- CASTELLO, J. 2007. *A literatura na poltrona: Jornalismo literário em tempos instáveis*. Rio de Janeiro, Record, 204 p.
- DEMO, P. 1995. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo, Atlas S.A, 293 p.
- DEWEY, J. 1980. *The Public and its problems*. Athens, Shallow Press, 236 p.
- DEWEY, J. 2010. *Arte como experiência*. São Paulo, Martins Fontes, 646 p.
- FRANÇA, V. 2001. O objeto da comunicação. A comunicação como objeto. In: A. HOHLFELDT; V. FRANÇA; L.C. MARTINO, *Teorias da comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis, Vozes, p. 38-60.
- FRANÇA, V. 2006. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: C. GUIMARÃES; V. FRANÇA (orgs.), *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 61-88.
- GENRO FILHO, A. 1987. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê!, 230 p.
- JAMES, W. 2006. *Pragmatismo*. São Paulo, Martin Claret, 175 p.
- LAGE, N. 2004. *A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro, Record, 189 p.
- MEDINA, C. de A. 1995. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo, Ática, 96 p.
- MEDINA, C. de A. 2003. *A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano*. São Paulo, Summus, 156 p.
- MEDINA, C. de A. 2006. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo, Paulus, 200 p.
- MORIN, E. 1973. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: A. MOLES et al., *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis, Vozes, p. 144-158.
- MOUILLAUD, M. 2002. O sistema das citações. In: M. MOUILLAUD; S. PORTO (orgs.), *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Editora UNB, p. 117-144.
- PEREIRA JUNIOR, L.C. 2006. *A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, Vozes, 172 p.
- QUÉRÉ, L. 2003. Le public comme forme et comme modalité d'expérience. In: *Lessens Du public: Publics politiques, publics médiatiques*. Paris, Presses universitaires de France, p. 113-114.
- QUÉRÉ, L. 2005. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajetos*, 6:59-75.
- SILVERSTONE, R. 2005. *Por que estudar a Mídia?* São Paulo, Edições Loyola, 302 p.
- SIMMEL, G. 1967. A metrópole e a vida mental. In: O.G. VELHO (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 11-25.
- SIMMEL, G. 1972. O indivíduo e a diáde. In: F.H. CARDOSO; O. IANNI, (orgs.), *Homem e sociedade – leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, p. 128-135.
- SIMMEL, G. 1983a. O problema da sociologia. In: E. MORAES FILHO, (Org.). *Simmel: sociologia*. São Paulo, Ática, p. 59-78.
- SIMMEL, G. 1983b. A natureza sociológica do conflito. In: E. MORAES FILHO FILHO (org.), *Simmel: sociologia*. São Paulo, Ática, p. 122-134.
- SIMMEL, G. 2002. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes, Universidad Nacional de Quilmes, 464 p.
- SODRÉ, M. 2006. *As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política*. Petrópolis, Vozes, 229 p.
- THOMPSON, J.B. 2009. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Vozes, 261 p.
- TUCHMAN, G. 1993. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias, “estórias”*. Lisboa, Veja, p. 61-73.

Submetido: 01/12/2011

Aceito: 13/02/2012